

LEITURA E ESCRITA: PRÁXIS EDUCATIVA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA

Sandra Aparecida Pires Franco

Universidade Estadual de Londrina

e-mail: sandrafranco26@hotmail.com

RESUMO

Este texto contempla a análise da leitura e da escrita como um encaminhamento para uma práxis educativa, que possibilita a emancipação do ser humano. Para este estudo, foram levantadas questões teórico-práticas sobre leitura e escrita, indispensáveis para os cursos de formação de professores no ensino superior, uma vez que é nesse lócus que se formam sujeitos para interagir com outros na sociedade, tendo presentes os processos de ensinar e aprender. A pesquisa contou com a participação de alunos do primeiro e do quarto anos do Curso de Pedagogia de uma universidade de grande porte, no interior do Estado do Paraná. A metodologia para o desenvolvimento da pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório. Os autores em que nos embasamos são: Lefèbvre (1963), Duarte e Fonte (2010), Fernandes (2007) e Rezende (2005; 2009). A conclusão a que se chega é que a leitura e a escrita podem ser consideradas práxis educativa para a emancipação humana, quando os professores efetuarem uma prática pedagógica consciente e assumirem a leitura assiduamente em suas vidas. Nessas circunstâncias, a leitura e a escrita, exercidas como práxis, podem contribuir para a formação de leitores.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Universidade. Pedagogia. Emancipação humana.

READING AND WRITING: EDUCATIONAL PRAXIS FOR HUMAN LIBERATION

ABSTRACT

This paper considers the analysis of reading and writing as a referral to an educational praxis, which allows the liberation of mankind. To develop the research, questions have been raised on theoretical and practical reading and writing, indispensable for the training courses for teachers in higher education, since in this locus subjects are formed to interact with others in society, bearing in mind the processes of teaching and learning. The research relied on the participation of students from the first and fourth years of the School of Education of a large university in the State of Paraná. The methodology for the development of the research is both qualitative and exploratory. The authors in whom we are based are: Lefèbvre (1963), Duarte and Fonte (2010), Fernandes (2007) and Rezende (2005, 2009). The conclusion reached is that reading and writing can be considered educational praxis for human liberation, when teachers consciously effect a pedagogical practice and take reading assiduously in their lives. Under these circumstances, reading and writing, as a praxis exercised, may contribute to the development of readers.

Keywords: Reading. Writing. University. Pedagogy. Human Liberation

Introdução

Pensar a emancipação humana no século XXI implica refletir sobre o papel da Universidade na formação do sujeito. No âmbito acadêmico, o compromisso com a formação humana requer uma

práxis educativa coerente e comprometida com o projeto proposto pelos professores de cada curso (DUARTE; FONTE, 2010).

Frente a essa problemática, este texto tem por objetivo analisar, por meio das respostas dos alunos do primeiro e quarto anos do Curso de Pedagogia de uma Universidade de grande porte do Estado do Paraná, a necessidade ou não das atividades de leitura e escrita, como prática educativa para a emancipação humana. Para esta pesquisa, foram aplicados questionários e seu contexto se dá em uma Universidade de grande porte no norte do Paraná. O material documentado consiste em um questionário contendo 27 questões, sendo estas de múltipla escolha e dissertativas. As questões são divididas em seis blocos.

O primeiro bloco refere-se à leitura; o segundo à leitura e à escrita; o terceiro à internet; o quarto trata de fontes diversificadas; o quinto aborda a leitura hoje e há vinte anos; e o sexto e último traz questões acerca da implicação dos métodos nos processos de alfabetização. Para a coleta dos dados do questionário, foram escolhidos dias alternados do mês de outubro de 2011, para que houvesse disponibilidade de os alunos trabalharem em sala de aula, uma vez que o questionário demanda certo tempo para ser respondido. Para tal, instruções foram dadas previamente e tempo suficiente para realizarem a tarefa, não restringindo, em momento algum, as respostas dos alunos, de forma que eles tiveram a liberdade necessária para dar opiniões.

Após a coleta, os dados foram tabelados e, em seguida, foram realizados quadros para melhor análise que seguirão no corpo do texto. Ao todo participaram da pesquisa 125 graduandos em formação. Trata-se de graduandos com uma condição social financeira baixa, o que nos permite analisar pelo quadro teórico-metodológico do materialismo histórico e dialético.

Analisar essa questão permite pensar também na formação de leitores que essa mesma instituição pode criar, pois falar sobre a importância da formação do leitor no Brasil contemporâneo é falar dos percalços para a formação do leitor e para a democratização da leitura no Brasil dos últimos trinta anos (FERNANDES, 2007).

Sabe-se que o acesso à escolaridade e à leitura está na pauta de agendas governamentais:

Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população (FERNANDES, 2007, p.10).

Nos últimos trinta anos, tentou-se difundir programas, leis, eventos para melhorar a leitura: em decorrência, o Brasil tornou-se o 8º mercado editorial do mundo. As universidades se preocuparam com a formação e ampliação do público leitor e, conseqüentemente, do mercado editorial (ZILBERMAN, 1991).

Ressalta-se que, na sociedade do século XXI, a leitura é um dos requisitos para a cidadania. A leitura está presente em todos os lugares, nas ruas, nos cartazes, nas lojas. O sujeito precisa ler para poder se posicionar criticamente perante o mundo que o circunda. No entanto, o que se verifica é a existência constante de leitura pelas ruas, pelas praças e até mesmo nos cartazes presentes nas Universidades, mas se trata, muitas vezes, de uma leitura vazia de sentido, de significado, no sentido da interação social.

Importante destacar que Freire (1990) mencionou que a leitura de mundo não se dissocia da leitura da palavra, pois ler é um ato político. A leitura não é uma decodificação, mas, sim, um elemento que relaciona o ser humano ao seu mundo histórico e social, levando o sujeito a práticas conscientes, transformando e alterando suas atitudes para uma mudança social. O pensamento de Freire permite analisar que muitos não a fazem de forma consciente, principalmente por existirem pesquisas que nos mostram dados alarmantes acerca da leitura no Brasil:

De acordo com pesquisa feita pelo IBOPE, a leitura ocupa apenas a quinta posição entre as atividades preferidas dos brasileiros, e o tempo médio de leitura dos brasileiros, estranhamente considerados leitores regulares, variam entre apenas 1 hora a 3 horas por semana, já o tempo de leitura dos leitores ocasionais gira em menos de uma hora por semana. E atentemos que esses dados são relativos à leitura em sua acepção mais ampla (jornais, revistas, sites, blogs...), não estando limitada apenas à leitura de livros. Quanto ao material de leitura do brasileiro, este compõe-se principalmente de

revistas e jornais, alcançando respectivamente de 52% e 49% da população, e estão mais ligados à leitura semanal e diária. E aqui novamente vemos resultados pouco animadores, afinal sob a ótica da média de tempo semanal dedicada pelo brasileiro à leitura, temos na melhor das hipóteses apenas uma inexpressível marca de 3 horas, o que não daria nem ridículos 26 minutos de leitura diária. (UMAGUMA, 2009).

A citação anterior relaciona-se com a pesquisa feita na Universidade com os alunos do primeiro e quarto ano do Curso de Pedagogia, e merecem análise comparativa os dados do IBOPE (UMAGUMA, 2009) e a investigação que fizemos na Universidade.

Para tratar desta questão, delimitamos a pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, a fim de visualizar como os alunos do Curso de Pedagogia (primeiro ano) chegam à Universidade lendo e escrevendo e quais suas ideias circulares acerca da leitura e da escrita, cotejando esses dados com as respostas dos alunos do quarto ano. Para Thomas e Nelson (1996), este tipo de pesquisa envolve a observação intensiva e a interpretação e análise de dados, utilizando descrições e narrativas; e exploratória (GIL, 1991), por buscar maiores informações sobre determinado assunto investigado, familiarizando-se e obtendo-se nova percepção do fenômeno, descobrindo, assim, novas ideias ou relações existentes entre os elementos componentes do fenômeno.

Importante destacar que a pesquisa aborda seis blocos: Bloco I - Leitura; Bloco II - Leitura e Escrita; Bloco III - Internet; Bloco IV - Fontes Diversificadas; Bloco V - Leitura hoje e há vinte anos; e, Bloco VI - Implicação dos métodos nos processos de alfabetização. Porém, para este texto, foram delimitadas algumas questões do Bloco I e do Bloco II, por abordarem mais diretamente as temáticas vinculadas à leitura e à escrita na Universidade.

No Bloco I, denominado “Leitura”, perguntou-se aos alunos acerca da frequência com que as leituras são feitas; o tempo, em média, dedicado à leitura, em cada vez que se lê; qual(is) o(s) gênero(s) literário(s) é(são) lido(s) com maior frequência; se já houve vontade de adquirir um livro e isso não foi feito, e qual a razão atribuída à não aquisição; e se se considera que a Universidade contribui para tornar o aluno bom leitor. Ressalta-se que, para a presente análise, delimitaram-se apenas as questões objetivas. No Bloco II de questões, denominado “Leitura e escrita”, perguntamos se a leitura

interfere/altera a escrita e, se o faz, como isso ocorre. A seguir, se na universidade o aluno lê ou escreve mais e se ele considera que ela proporciona atividades que levam a relacionar a leitura à escrita; se sim, qual(is) tipo(s) de atividade(s) é(são) essa(s); com que frequência se escreve e quanto tempo, em média, é dedicado à escrita, a cada vez que se escreve. Ainda mais: ao ler os textos para trabalhos acadêmicos, se o aluno: faz resumos, toma nota de trechos, assinala no próprio texto passagens importantes, seleciona e toma nota de conceitos, confia na sua memória ou tem outro(s) critério(s).

Análise dos dados

Observemos o primeiro quadro a seguir, elaborado por nós, a fim de analisar como está a leitura na Universidade.

Quadro 1: Bloco I – I.1

Com que frequência você lê?			
Ano	Turno	%	Frequência
1º	manhã	40%	Todos os dias
1º	Noite	30%	Todos os dias
4º	manhã	55%	Todos os dias
4º	Noite	44%	Todos os dias

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Na primeira pergunta feita “Com que frequência você lê?” pode-se observar que todos os alunos leem todos os dias, mas os alunos dos primeiros anos leem menos que os do quarto ano, apresentando uma porcentagem maior os alunos que estudam no período da manhã. Condicionada a esta questão foi-lhes perguntado também: “Quanto tempo, em média, você dedica à leitura, a cada vez que lê?”. Observe-se o quadro a seguir:

Quadro 2: Bloco I – I.2

Quanto tempo, em média, você dedica à leitura, a cada vez que lê?			
Ano	Turno	%	Tempo
1º	Manhã	25%	Mais de 1 h
		25%	De 5 a 10 min
		24%	De 31 a 40 min
1º	Noite	31%	De 40 a 60 min
		27%	De 31 a 40 min
4º	Manhã	29%	Mais de 1h
		29%	De 40 a 60 min
		37%	De 21 a 30 min
4º	Noite	29%	Mais de 1 h
		29%	De 31 a 40 min
		26%	De 05 a 10 min

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Analisando o quadro 2, podemos perceber que os alunos dos quartos anos leem mais de uma hora por dia, num percentual baixo, perante a quantia de atividades e textos que deveriam ler para poder escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e acompanhar os debates e discussões dos textos trabalhados em sala de aula, pelos professores. Vale destacar que há igualdade no percentual (29%) dos alunos do 4º ano dos períodos da manhã e noite, quanto ao tempo de leitura. Isso indica que não é por estudar à noite que os alunos leem menos. A mesma análise se faz com os alunos do primeiro ano do turno da noite, que tiveram um percentual de leitura maior em relação ao primeiro ano do turno da manhã, apesar de lerem somente de 40 a 60 min.

Outra questão que merece nossa observação é: “Dentre as opções abaixo, qual(is) você lê com maior frequência?” Observe-se o quadro 3:

Quadro 3: Bloco I – I. 3

Dentre as opções abaixo, qual/is você lê com maior frequência?			
Ano	Turno	%	Opções
1º	manhã	33%	Educação
		21%	Notícia local
1º	noite	31%	Educação
4º	manhã	45%	Educação
4º	noite	34%	Educação

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Por se tratar de um Curso na área de Ciências Humanas, a opção mais votada foi o tema Educação, havendo, no primeiro ano da manhã, a opção notícia local, o que indica que os alunos têm observado o que acontece na sociedade para poder relacionar com a sua vivência na Universidade.

Essa análise feita faz-nos pensar a atividade da leitura e, conseqüentemente, a da escrita na Universidade, como práticas educativas diárias. Freire (1990), Britto (2001) e Abreu (2001) afirmam ser a leitura um ato social e histórico, capaz de transformar o sujeito que vive no presente século, e fazem crítica à leitura por entretenimento, uma vez, que no Brasil existem pessoas que leem e mencionam que o necessário é que se leia criticamente, formando um ser social que participe da vida política, econômica e cultural do país. O pensamento desses autores leva-nos a crer que, para a leitura ser significativa, é preciso estar relacionada à nossa prática social; caso contrário, ela se torna sem sentido.

Fernandes (2007, p.15) constata que no Brasil há “precariedade do domínio de escrita e de leitura em grande parcela da população. Isso é possível de ser verificado por meio de pesquisas (IBGE, INEP/MEC, CBL, INAF) e avaliação escolar governamental (SAEB, ENEM, PISA)”, bem como por trabalhos científicos apresentados em eventos.

Os resultados das avaliações têm mostrado uma queda no desempenho dos estudantes em quase todas as regiões, revelando a precária eficácia do sistema escolar brasileiro. A propósito, o

relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB, 2001) informa que:

[...] 59% dos estudantes da quarta série do Ensino Fundamental ainda não desenvolveram as competências básicas de leitura, ou seja, não conseguem compreender os níveis mais elementares de um texto. No entanto, esse mesmo resultado aponta um desempenho superior de 20% nas escolas em que a prática de leitura é mais constante entre os alunos (FERNANDES, 2007, p. 15).

Verifica-se que a escola brasileira não está conseguindo desenvolver a compreensão mínima de textos. Os dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes 2000 (PISA) confirmam a pesquisa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), pois o objetivo do PISA é que o jovem compreenda e use os textos para alcançar seus objetivos, participando da sociedade; mas o pouco desempenho revelou que os jovens não estão preparados para enfrentar os desafios em relação aos conhecimentos da nova sociedade. Isso ficou claro na classificação do Brasil em 37^a posição na prova de leitura em 2001, à frente apenas da Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru. (FERNANDES, 2007).

Segundo as pesquisas feitas por Fernandes (2007), as causas para a posição no Brasil na prova de leitura em 2001 foram: altos índices de reprovação e abandono, a desigualdade social, a baixa renda da população e a qualidade das escolas. Sabemos que a leitura é imprescindível para que os sujeitos entrem no mercado de trabalho e também para o exercício da cidadania; e, no Brasil, é precária a formação de um público leitor, revelando o fracasso das políticas públicas.

A breve análise da situação social da leitura no Brasil leva a pensar em como tornar a leitura e a escrita prática educativa contínua na Universidade, para a transformação do sujeito e sua emancipação intelectual. Assim, o presente texto visa à formação humana sob a égide de preparar o homem para a análise de suas ações e determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais. Para tanto, compreender os escritos de Lefèbvre (1963) permite, a nosso ver, visualizar como estabelecer e fazer acontecer a práxis

educativa por meio da leitura e da escrita na Universidade. Este autor (1963, p. 9) afirma que o marxismo é um caminho teórico, em que é possível verificar que, para formar o ser humano, é preciso ter uma concepção de mundo que abarque a natureza e o homem nas suas relações. A propósito, Lefèbvre (1963) menciona que o marxismo surge como expressão da vida “social, prática e real, no seu conjunto, no seu movimento histórico, com os seus problemas e as suas contradições, incluindo, pois, a possibilidade de superar a atual estrutura” (LEFÈBVRE, 1963, p.19).

Para que possamos entender melhor o pensamento de Lefèbvre, é preciso entender o método dialético. Nesse método, o pensamento humano busca a verdade por meio da contradição, e as contradições possuem um sentido objetivo, um fundamento na realidade. É importante considerar a relevância dada ao conceito dialético em que o trabalho é o conceito-chave, para entendermos o que é superação dialética.

[...] as metafísicas, as religiões e as morais concorrem para alienar o homem, para arrancá-lo de si próprio, para desviá-lo de sua verdadeira consciência e de seus verdadeiros problemas. A alienação do homem não é teórica e ideal, ou seja, não se verifica apenas no plano das idéias e dos sentimentos; ela é também, e principalmente, prática, aparecendo em todos os domínios da vida prática. O trabalho acha-se alienado: escravizado, explorado, convertido em fastidioso, humilhante (LEFÈBVRE, 1963, p. 44).

A superação dialética para o nosso texto significa poder trabalhar com a leitura e a escrita como práticas educativas claras, que levem o aluno a perceber o mundo que o cerca e a compreender os mais variados textos. A dialética não pensa o todo negando as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo. Assim, é preciso realizar nas escolas operações de síntese e de análise que esclareçam tanto a dimensão imediata como também mediata, pois as mediações permitem refletir sobre as contradições.

Diante do exposto, ou seja, da necessidade de realização, nas escolas, das operações de síntese e análise para poder ocorrer a superação dialética em circunstâncias que levem professores e alunos a terem ações educativas que os emancipem, algumas questões feitas aos alunos do Curso de Pedagogia nos fizeram

constatar que há desigualdades sociais que afetam substancialmente a escolaridade. Foram feitas as seguintes perguntas: “Você compra livros? Se compra, quais tipos que escolhe?” Observe o quadro a seguir:

Quadro 4: Bloco I – 1.4

Você compra livros? Se compra, quais os tipos que escolhe?			
Ano	Turno	%	Tipos de livro
1º	manhã	12% 21%	Educação Romance
1º	Noite	19% 18%	Romance Ficção
4º	manhã	24% 24% 26%	Acadêmicos Religiosos Educação
4º	Noite	45%	Educação

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Analisando as respostas dadas, pudemos perceber que a maioria dos estudantes compra livros sobre Educação, mas o percentual de compra é pequeno, se considerarmos o número de alunos. Condicionada a essa pergunta, questionamos o seguinte: “Já teve vontade de adquirir um livro e não o fez? Por que não o fez?” Observe o quadro a seguir:

Quadro 5: Bloco I- I.7

Já teve vontade de adquirir um livro e não o fez? Por que não o fez?		
Ano	Turno	Dificuldade financeira
1º	Manhã	60%
1º	Noite	30%
4º	Manhã	35%
4º	Noite	100%

Fonte: Análise da Coleta de Dados

A dificuldade financeira foi a alternativa mais marcada pelos alunos do Curso; a maioria deles alega ser esse o fator mais marcante por não adquirirem livros e, supostamente, de não lerem. Essa desigualdade social levou-nos a pensar na real função da escola neste presente século. Sob este aspecto, remetemo-nos às

palavras de Saviani (1995) sobre a prática educativa. Para ele, na educação, o produto não se separa do produtor. O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelos homens.

Na educação, para Saviani (1995), o ato de produção e o ato de consumo se imbricam. Essa é a preocupação das áreas das ciências humanas, pois o que não é produzido pela natureza deve ser produzido historicamente pelos homens. Trata-se do conteúdo clássico que não se confunde com o tradicional e também não se opõe ao moderno, e muito menos ao atual. O clássico é o que se firmou como fundamental, como essencial e pode ser um critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico.

Assim, para ter formas adequadas para as práticas de leitura e escrita educativas, é necessária a organização dos meios, os conteúdos, os procedimentos, para que se produzam historicamente os conhecimentos sistematizados. O professor, tendo a apropriação dos conteúdos, pode garantir a apropriação aos alunos, não se desvinculando os conteúdos das finalidades sociais mais amplas, pois a educação deve visar à formação humana.

Neste aspecto, o que se verifica no início do século XXI é o ato da leitura e da escrita estarem desvinculados na escola e na Universidade. Para avaliarmos essa ideia, retornemos à análise do questionário aplicado, em que foi perguntado aos alunos: “Você considera que a Universidade contribui para torná-lo bem leitor?” Observe o quadro a seguir:

Quadro 6: Bloco I- I.7

Você considera que a Universidade contribui para torná-lo bom leitor?			
Ano	Turno	%	Nível
1º	manhã	47%	Suficiente
1º	noite	44% 50%	Médio Suficiente
4º	manhã	30% 24%	Médio Suficiente
4º	noite	25% 23%	Acima da Média Médio

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Observa-se, pelo quadro 6, que tanto os alunos do primeiro ano quanto os do quarto anos consideram que a Universidade contribui, em um nível suficiente, para tornar o acadêmico um bom leitor. Mas a porcentagem de resposta foi baixa, perante o que se espera de uma Universidade, em que a leitura e a escrita sejam práticas educativas transformadoras e emancipatórias.

Outra questão que relaciona à leitura da escrita foi: “A leitura interfere/altera a escrita? Observe o quadro a seguir:

Quadro 7: Bloco II- II.1

A leitura interfere/altera a escrita?		
Ano	Turno	Sim
1º	manhã	90%
1º	noite	93%
4º	manhã	100%
4º	noite	100%

Fonte: Análise da Coleta de Dados

De 90% a 100% dos alunos responderam que “sim”: a leitura altera e interfere na escrita. Neste aspecto, pode-se registrar, então, que, se o aluno não lê, se ele não tem consciência do que lê, sua escrita será este reflexo. Trata-se de um aspecto ligado às práticas-teóricas de ensino e aprendizagem, ou seja, “o estudante, para ler, plenamente, textos diversificados, inclusive o acadêmico, precisa ter conhecimentos prévios, vivência cultural, domínio de conceitos, não basta o de palavras” (REZENDE, 2009, p.7). Isso significa que a leitura só acontece na relação leitor-texto, pois, sem o ser humano, a palavra nada significa. Rezende (2009) observou que quem lê pouco e ou lê mal resiste ao ato de ler. Desta forma,

[...] quanto menos alguém é capaz de ler, menos deseja ler e, se tiver que fazê-lo, provavelmente não irá cumprir satisfatoriamente a tarefa. Portanto, não é suficiente que solicitemos leituras aos nossos alunos. É necessário que realizemos a leitura com eles (REZENDE, 2009, p. 8).

Precisamos perceber que a leitura e a escrita não são tarefa somente do professor de Português. É uma tarefa de todos, para além das ciências humanas. Para Rezende (2009), formar profissionais implica ter que pensar em ser humano e as suas

relações sociais, pois o intelecto está relacionado com o sentir individual e coletivo, considerando o espaço e o tempo.

Essa análise nos remete a pensar que na escola ou na Universidade não se lê o que está posto na sociedade, pois se verifica que uma

[...] profusão de imagens, nas práticas de escrita, abriu espaço para mudanças do discurso, colocando em evidência a linguagem visual. A utilização da modalidade visual nas práticas de escrita tem provocado efeitos nas formas e nas características dos textos, evidenciando os textos multimodais, ou seja, aqueles que empregam duas ou mais modalidades semióticas em sua composição (palavras e imagens, por exemplo), daí resultando a noção de multimodalidade (MAROUN apud REZENDE, 2009, p. 9).

Para relacionarmos a problemática acima com a realidade social, foi questionado também aos alunos o seguinte: “Na Universidade, você lê ou escreve mais?” A propósito, observe-se o quadro a seguir:

Quadro 8: Bloco II – II.2

Na Universidade, você lê ou escreve mais?					
Ano	Turno	% Resposta	Leitura ou escrita	% Finalidade da leitura	
1º	Manhã	50%	Ambos se equilibram	17%	Fazer trabalho
				25%	Em branco
1º	Noite	55%	Mais leitura	28% Resumo	
4º	Manhã	23% 25%	Mais leitura Ambos se equilibram	32% trabalho	
4º	Noite	30%	Mais leitura	15%	trabalho
		27%	Ambos se equilibram	15%	Projetos de pesquisa

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Percebe-se que a resposta “Mais leitura” prevaleceu entre os alunos do primeiro e do quarto ano do Curso de Pedagogia, aparecendo também a opção “ambos se equilibram”, em três das turmas pesquisadas. Isso significa que os alunos percebem que há uma ligação entre a leitura e a escrita. Assim, quando falamos em leitura, devemos pensar também naquele que escreve, pois, conforme sua visão de mundo e percepção de textos, construirá sentidos a partir do que lê. Mas textos multimodais não são apresentados aos alunos na Universidade. Para Rezende (2009), o mediador nesse processo elege os textos e suas ações de ensino e aprendizagem, mas, muitas vezes, não se preocupa com a escolha de diferentes textos. Se houvesse essa preocupação, teríamos práticas diferenciadas, o que poderia ou não intervir na formação do leitor e do escritor. Leitura e escrita, para a autora, estão totalmente imbricadas, constatando, assim, que as respostas dos alunos condizem com a fundamentação teórica apresentada por ela.

Pela mesma pergunta, buscamos saber com qual finalidade o aluno faz a leitura e pudemos perceber que ele lê não para haver relação com a prática social ou para compreender e ampliar a visão de mundo, mas, sim, para fazer trabalhos acadêmicos.

Frente a essa questão, para que pudéssemos analisar a frequência da escrita, foi questionado: “Com que frequência você escreve?”

Quadro 9: Bloco II- II.3

Com que frequência você escreve?			
Ano	Turno	%	Frequência
1º	manhã	60%	Todos os dias
1º	noite	62%	Todos os dias
4º	manhã	62%	Todos os dias
4º	noite	50%	Todos os dias

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Pelo quadro 9, pudemos notar que os alunos do Curso de Pedagogia, tanto os alunos do primeiro quanto do quarto ano, responderam “todos os dias”. Questionados sobre o tempo que dedicam à escrita, observe-se o quadro:

Quadro 10: Bloco II – II.4

Quanto tempo em média você dedica à escrita a cada vez que escreve?			
Ano	Turno	%	Tempo
1°	Manhã	42%	De 21 a 30 min
1°	Noite	34%	De 21 a 30 min
4°	Manhã	33%	Mais de 1 h
		50%	De 40 a 60 min
4°	Noite	32%	De 11 a 20 min
		19%	De 40 a 60 min

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Notamos que os alunos do quarto ano dedicam mais tempo à escrita do que os alunos do primeiro ano, como verificado anteriormente. Isso significa que há uma necessidade maior de escrita ao final do curso, o que nos leva a pensar que existem mais atividades de escrita no final, como a elaboração do TCC, em que o aluno precisa ler textos e escrever sobre a temática; logo, escrevem realmente para poder cumprir uma tarefa. Seria essa uma atividade que levaria à emancipação humana?

Para verificar se essa emancipação humana realmente acontece, foi perguntado aos estudantes: “Ao ler textos para trabalhos acadêmicos, qual sua estratégia?”

Quadro 11: Bloco II – II.5

Ao ler os textos para trabalhos acadêmicos você:		
Ano	Turno	Assinala, no próprio texto, passagens importantes
1°	manhã	44%
1°	noite	45%
4°	manhã	41%
4°	noite	41%

Fonte: Análise da Coleta de Dados

Nota-se que todos leem e assinalam no próprio texto as passagens mais importantes. Isso indica que não escrevem sobre aquilo que pensam, apenas assinalam as palavras do próprio autor. Essa

atitude indica que os alunos, no momento em que leem, não apreendem o significado do texto e, muitas vezes, não o são significativos para a sua vida social. A propósito, Rezende (2009) afirma que, quando se pretende levar uma pessoa a gostar de ler, não se trata de ter uma fórmula para isso. O professor deve oferecer ao estudante ampla bibliografia, com textos acadêmicos, com organização lógica, contemplando textos imagéticos e “igualmente importante é a veiculação dos textos por diferentes meios/suportes” (REZENDE, 2009, p. 20). A autora expõe que ensinar a ler, a formar leitores, comporta desafios. Citando Savater (2002, p. 46 apud REZENDE, 2009, p. 21), é preciso ensinar a ler, pois o aluno precisa “pensar sobre o que se pensa, sobre a importância ou não daquele assunto, sua pertinência, sua validade”.

Assim, de acordo com o problema pesquisado e com os objetivos definidos, os dados apresentados pela pesquisa feita com os alunos de graduação permitem concluir que, na Universidade, poderia se pensar em uma prática educativa de leitura e escrita constante, suficiente para formar leitores, ainda que, sabemos, os estudantes já devessem ser leitores, a partir da convivência com suas famílias, da vivência escolar nos níveis anteriores de ensino. Essas práticas educativas podem ser iniciadas e feitas, primeiramente, pelos próprios professores.

Considerações Finais

A Universidade poderia ser um local de vivências de leitura e de escrita. Para tanto, poderia se pensar que os cursos de formação de professores trabalhem com a leitura para formar leitores que compreendam o mundo que os cerca, para poderem perceber o que acontece, o porquê dos fatos sociais, econômicos, políticos, o comportamento humano atual. Com a prática educativa da leitura e da escrita na Universidade, poderemos ter um mundo em que os seres humanos sejam mais humanizados. A leitura e a escrita, nesse sentido, poderiam ser um encaminhamento das ações de todos os professores. Para isso, cabe aos professores ampliar a visão de mundo, ler mais textos teóricos, imagéticos, em suas mais diferentes abordagens culturais. A nosso ver, esses encaminhamentos podem possibilitar uma práxis transformadora, por meio da leitura e da escrita.

Referências

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ABL, 2001.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Mara Zélia Versani. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DUARTE, Newton; FONTE, Sandra Soares Della. *Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo. Atlas. 1991
- LEFÈBVRE, Henri. *O marxismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- REZENDE, Lucinea Aparecida de. (Org.) *Leitura e Visão de Mundo: peças de um quebra-cabeça*. I. Londrina: Atrito Art, 2005.
- REZENDE, Lucinea Aparecida de. *Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas*. Londrina: EDUEL, 2009.
- SAEB 2001: novas perspectivas. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, 2001. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2012.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 29. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
- THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. *Research Methods in physical activity*. 3. ed. Champaign: Human Kinetics, 1996.
- UMAGUMA, Flávio. *Um Panorama da Leitura no Brasil*. 2009. Disponível em:

<<http://pontesoniricas.wordpress.com/2009/01/30/um-panorama-da-leitura-no-brasil/>>. Acesso em: 16 fev. 2012.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o Ensino de Literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.